

# POESIA COM ELOS

## Autorretratos, dois mil e vinte

Pamela Facco



HÁ TEMPOS estava devendo edições especiais da revista Poesia com Elos contendo os autorretratos feitos durante a pandemia. A minha resistência era de abrir essas pastas e reviver esses sentimentos. Não é fácil viver, não é fácil documentar nossas dores e tão pouco é simples catalogá-las como se a arte fosse o grande propósito de tudo isso.

Baita mentira. A arte não é o meu propósito, a arte é a minha única saída. As angustias que coleciono, as lágrimas que nunca terei de volta, meu coração que dia sim dia não soluça em prantos desesperados.



A arte não é beleza, a arte não é supérflua, a arte não está ao alcance de quem não tem um rasgo na alma.

A arte nasce da dor, floresce no caos e não morre nunca.

No nosso corpo está contida a nossa história, ao nos depararmos com o espelho ali está ela, ESCANCARADA: tudo que vivemos, sofremos, conquistamos e superamos está lá. Está lá também exposto aquilo que não superaremos nunca e reconhecer como parte de nós essas erosões permanentes em nosso peito é a coragem em sua forma mais dolorida.

Nos encaramos de frente diariamente, mas esse encontro é efêmero. O reflexo que o espelho devolve some assim que paramos de olhá-lo, e nossas auto percepções se dissolvem no ar.

Quem eu fui ontem? Quem em mim habitava em janeiro de 2020? Eu estava triste ou feliz?



Seria difícil perceber a escalada de uma dor por simples memória cerebral, mas a tão necessária arte está sempre ao meu lado, para que eu não me esqueça que cada dia foi ao mesmo tempo, paradoxalmente, um grande castigo e dádiva da existência.

Na vida está contida sensações dessaborosas, momentos insossos e desprazeres diversos, mas a única forma de se livrar disso é abrindo mão do porvir. Largando de lado a chance da moeda cair para o lado que você apostou. É vedando os olhos para o azul do mar, gritando sempre mais alto que todos os passarinhos e negando o perfume das rosas.



Às vezes, de um momento horrível eu tirava cor do meu sangue e umedecia o retrato com meu choro. No final um sorriso se colocava em mim e logo meus poros dançavam: porque como diz a canção “é de lágrima que dobro a vida em flor”. Eu acredito que devemos insistir no movimento de ser inteiro, ser tudo, ser real, ser por fora e por dentro. Ser poesia, ser imagem e pertencer sobretudo a nossa própria pele.

Documentar imageticamente nosso eu através de autorretratos é sem dúvida nenhuma uma forma riquíssima de auto análise, auto cuidado e reverências ao presente, que logo será passado, mas que não mais será esquecido.



PAMELA FACCO é fotógrafa. Desenvolve o projeto POESIA COM ELOS, retirando a ideia da nudez como lugar erótico e quebrando os padrões estéticos. Todo corpo é perfeito.

@pfacco

@poesiacomelos

